

POLÍTICA

Um bombardeiro chamado Antonio Carlos

“...Toninho Malvadeza é o liberal do baixa-o-cacete!... Fernando Henrique é mais culto do que Figueiredo”

Da “Paródia”, de Millôr Fernandes (1985)

Ana Beatriz Magno

Era uma noite de abril em 1993. Quatro influentes figurões da República encontram-se secretamente para tramar uma cilada contra Antonio Carlos Magalhães, na época governador da Bahia e hoje senador pelo PFL.

O endereço da reunião: SQS 103, apartamento do então chanceler Fernando Henrique Cardoso. Além do anfitrião, estavam o senador Pedro Simon, líder do governo Itamar, os então ministros da Justiça, Maurício Corrêa, e da Ação Social, Jutahy Magalhães Júnior, também baiano e desafeto de Antonio Carlos.

ACM andava alardeando histórias de corrupção no governo — e os aliados de Itamar, comandados por Fernando Henrique e por Jutahyzinho, decidiram que as acusações não poderiam ficar sem resposta. Se ficassem, o governador tripudiaria.

A estratégia: Itamar convidaria ACM para um encontro no Palácio sob o argumento de que queria esclarecer as denúncias do governador.

Tudo aconteceu como combinado na casa de Fernando Henrique.

Armadilha — Antonio Carlos, filho de Oxalá, foi. Quando entrou no gabinete presidencial, caiu na armadilha: a sala estava lotada de jornalistas.

“A imprensa vai ficar aqui?”, perguntou ACM a Itamar, que já tinha a resposta na ponta língua: “Se você quiser, a gente pode mandar eles saírem”.

Constrangido, ACM disse que não. Foi obrigado, assim, a mostrar na frente de jornalistas um dossiê que nada provava sobre corrupção no governo.

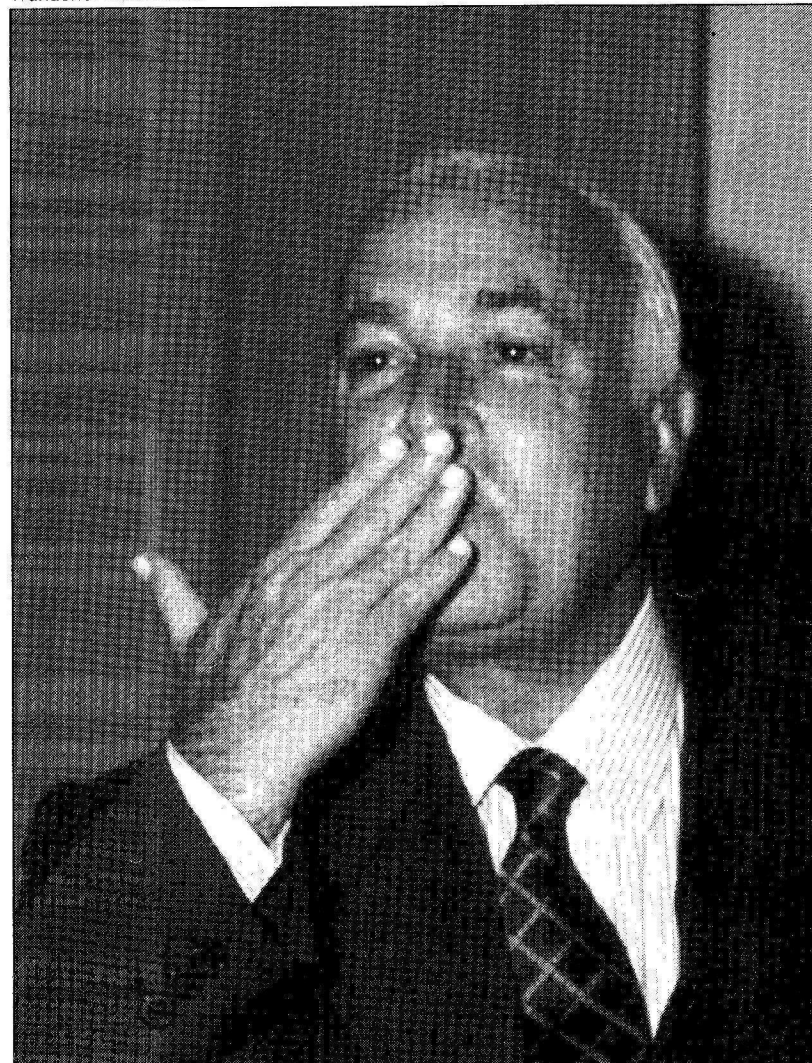
“ACM queria atingir Jutahy, seu conterrâneo e inimigo político. Jutahy tinha força no governo, e Antonio Carlos não tinha. ACM não sabe ver ninguém por cima”, diz um parlamentar que também ajudou a montar a armadilha contra ACM.

Silêncio — Passados dois anos, é ACM quem parece tramar contra Fernando Henrique. Vai para as televisões e jornais e dispara contra o governo, critica e ironiza ministros. O governo atual, ao contrário de Itamar, não aceita as provocações e reage com o silêncio.

“ACM está nervoso. Se acha mais competente do que o presidente e perdeu seu principal poder, o da barganha das telecomunicações. É por isso que ele age assim”, diz um dos assessores do presidente.

No Planalto, a explicação para a reação silenciosa do governo é simples: “Antonio Carlos joga para a platéia. Agride pela televisão, mas bajula pela frente. Ele tem duas políticas diferentes. Por isso, o silêncio é mais sábio”, completa o assessor.

Wanderlei Pozzembom



ACM: beijos e carinho para os amigos e chicote para os inimigos